

A ALTA DO PACIENTE DO 312

Seu Aureliano, que tem uma banca no Mercado, é o paciente do quarto 312.

A planilha não conhece o Mercado, tampouco as mãos calejadas que ergueram caixas de laranja nas madrugadas, nem o cheiro de jabuticaba que grudava no avental. A planilha só entende verde, amarelo, vermelho — KPI como semáforo. O corredor, porém, entende o passo arrastado, a tosse seca que interrompe as frases no meio, as visitas que atrasam, o neto que manda mensagem dizendo “vô, melhora logo”. Entre uma cor e outra, coloca-se um mundo: a diferença entre o número e o nome.

Quem abre a pasta de Excel vê coluna por coluna, como trincheiras: “giro de leite”, “teto de custo”, “infecção associada”, “tempo até alta”, “meta X”. Para a direção, o 312 é um ponto fora da curva que empurra o gráfico para baixo e ameaça o bônus. Para a enfermaria, é o senhor que aprendeu a driblar a ânsia de vômito com uma metódica careta, como se pudesse enganar o corpo por um segundo: bico de peixe, olhos apertados, a medicação escorrendo com dignidade por um gole só. E quando a febre arrefece, ele pede licença para contar, outra vez, como a banca dele ficava bem de frente para a do Alemão do queijo, e como, certa vez, esbarrou num poeta, um moço de terno branco que anotava no caderno os gritos dos feirantes como se fossem versos.

A planilha não acredita em poetas na feira. Mas a técnica de enfermagem que acompanha a medicação, essa sim, ri com o canto dos olhos e pergunta: “E o poeta comprou o que, Seu Aureliano?”. “Ora, menina, comprou silêncio — mas pagou com metáfora.” O corredor, como os mercados, é um território de trocas inusuais. As coisas circulam: histórias por segundos de atenção, paciência por confiança, folha de sulfite com desenho do neto por um “vai dar tudo certo” dito no ponto exato do cansaço. E circulam também pequenos pactos: reduzir a dor é missão; reduzir o sofrimento é arte.

O hospital moderno tenta conciliar missões e artes com a engenharia dos processos. O risco, sabemos, é o da desidratação do sentido. Hannah Arendt falava da perda do mundo comum quando tudo se torna função — e é esse mundo comum que Seu Aureliano insiste em reerguer no corredor, com o tijolo humilde dos “causos”. Na cabeça da gerente de qualidade, paira a seta que aponta para a meta: “tempo médio de permanência”. Na cabeça do 312, há outras setas: “voltar a andar até a varanda”, “comer um pastel do Mercado sem medo da falta de ar”, “ver a barraca do Zé do peixe aberta num sábado de sol”.

A diferença não é ignorância versus ciência; é escala. A planilha vê a floresta; o corredor, as folhas que caem. O problema acontece quando a floresta passa a exigir árvores idênticas. É aí que alguém sugere: “talvez possamos antecipar a alta do 312”. E outro responde: “desde que a família assine”. E outro mais, de olhos no relógio: “há pressa de vaga”. O que ninguém diz em voz alta é que há também pressa de métrica. Biopolítica, diria Foucault; mas Seu Aureliano não saberia o termo. Ainda assim, percebe a textura do poder quando a conversa se afasta da sua cama e entra no território das reuniões: o lugar onde corpos viram percentuais e o coração vira protocolo.

No dia em que a saturação melhora, a fisioterapeuta propõe uma caminhada curta. Dois passos, pausa; mais três, pausa; ao fim, um banco. Seu Aureliano conta como, menino, ajudava a carregar sacas com o pai, e que força mesmo está na respiração: “entra pelo nariz, segura a memória, solta devagar”. A fisioterapeuta ri: “Quem ensinou isso?”. “Foi a banca da Dona Zica”. E explica: “tudo o que presta, minha filha, se aprende onde tem gente”. Não é uma teoria, é um método — o método do mundo comum, esse que a planilha não tabula.

A médica da ala, que anda cansada de “dashboards” e “auditorias”, permite-se um desvio e fica cinco minutos além do previsto no leito 312. Quer ouvir o caso do poeta. Quer, sobretudo, lembrar por que escolheu medicina. Quando sai, preenche o prontuário com o cuidado de quem escreve uma carta. Sabe que será cobrada por dados objetivos, mas insere uma frase inteira subjetiva: “Paciente beneficiou-se de conversa”. É pouco, é símbolo — e símbolos, às vezes, levantam pontes sobre abismos.

No fim da tarde, chega a filha de Seu Aureliano com uma sacola. Dentro, laranjas do Mercado. “É da banca do Arnaldo. Ele mandou dizer que o senhor melhora, viu?” O hospital tem regras sobre alimentos externos. A planilha tem células para “eventos adversos”. O corredor tem olhos que calculam riscos e, por vezes, escolhem a exceção justa. A laranja é descascada em tiras compridas; o cheiro alarga o quarto. O 312 fecha os olhos, aspira, e por um segundo o monitor apita em cadência que parece música. “Cheiro de sábado”, ele diz. E ninguém ousa traduzir aquilo para o idioma dos KPIs.

No relatório mensal, o “tempo médio de permanência” virá alto. Haverá setas vermelhas, justificativas e um lembrete: “treinar equipe para altas oportunas”. Mas talvez, nessa mesma semana, a técnica de enfermagem que ouve causos vá para casa e, em vez de adormecer exausta diante da TV, decida escrever a história do poeta da feira num caderno qualquer. E, ao lado da geladeira, cole um bilhete: “Lembrar o nome antes do número”.

Há quem chame isso de romantismo. Mas romantismo é negar a gravidade, não afirmar o vínculo. A planilha é necessária — salva recursos, organiza fluxos, evita

desperdício e descuido. O que ela não pode é decretar a irrelevância dos mundos que a excedem. Uma instituição saudável mede e, medindo, reconhece que não mede tudo. O que nos salva do fetichismo do dado é a conversa ao pé do leito, a mão que segura a outra no pavor da madrugada, a memória compartilhada de um mercado barulhento onde a vida tem o preço negociado no grito, no brilho do olho, no cheiro da fruta madura.

Quando, dias depois, a alta enfim se torna possível, Seu Aureliano sai devagar, apoiado no braço do neto. Na planilha, o indicador treme; no corredor, as palmas são baixas, discretas. Ele vira o rosto e faz a careta que aprendeu para engolir comprimidos, agora reinventada em riso. “Até breve, minha gente. Qualquer coisa, me procuram na banca do silêncio: só aceito pagamento em metáfora.” E a porta automática se abre como folha de caderno. Do lado de fora, o Mercado recomeça. Dentro, a planilha incorpora um dado novo, invisível: o 312 teve alta — e o hospital, por um instante, também.